

CAPÍTULO 22

VIBRAÇÕES RÍTMICAS E COMPLEXIDADES DOS SABERES

André Lúcio Coelho
Claudia Lúcia Coelho
Leonardo Mendes Bezerra

RESUMO

Este trabalho pretende seguir as percepções aproximadas pela organização dos ritmos efêmeros da literatura na cultura digital, o objetivo do estudo é elencar os saberes necessários para uma reflexão das ressonâncias do pensamento complexo. Quais possíveis interpretações para fundamentar estruturas da literatura na manifestação obra, autor, leitor? Como articula os suportes e estratégias da leitura em seu processo de diálogo e assimilação na formação leitora? A metodologia é baseada em pesquisa bibliográfica, através de suportes metafóricos, utiliza-se o romance “O Nome da Rosa”, de Umberto Eco, como dispositivo conectivo com a pergunta supracitada, elaborando entendimentos para reflexão. Busca apresentar implicações do processo de mediação da leitura literária no contexto de construção da identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Educação. Pensamento Complexo.

1. INTRODUÇÃO

A tela azul do *smartphone*, luz de *led* vibrando a ressonância de mundos no virtual, o que impacta a presença que preenche com aquilo que gostaria de sentir ou que sinto em sua grandiosidade, o livro revela memórias desde a primeira experiência literária, que através de plataformas transformam em prateleiras virtuais da grande biblioteca. A formação cidadã do indivíduo que a muito tem sido a principal questão da educação no contexto de observar sua natureza essencial desemboca nos universos ou multiversos de compreensão, ao associar entendimentos na obra: “O nome da Rosa”, de Eco, alimenta outros possíveis conhecimentos, questões que aqui se busca notificar, avaliar e conectar em hipóteses para leitura, mesmo sabendo da impossibilidade de chegar a um determinado ponto específico dentro do labirinto de livros apresentados. Nessa consciência procuram-se as conexões existentes da obra, autor, leitor e leitura nesse grande mar de possibilidades e assim trazer referências para o campo da educação em sua forma expandida de caminhos.

Os códigos abstratos implicados pela presença leitora ao decifrar obras literárias, o ato de ler configura pela sua relevância o mérito aqui levantado, do ato produzido em axiologias, à vida real através de âmbitos holográficos do que parece ser vida. Como experiências das descobertas nos primeiros anos, ocultada diante dos modelos exigidos para estar presente no mundo social, essa noção de tempo não permite uma análise daquilo que é chamado de descobertas intuitivas da infância, ou seja, a curiosidade. O livro proibido. Aquele que ainda



não foi decifrado e se mostra inteligível para interpretação. Qual a importância de tanto conhecimento se o mesmo não está acessível (decodificação) e está em toda parte pronto para ser compartilhado (oferta)? Presente e ausente, aqui o saber não se torna poder, ele depende das manipulações que organiza a vida prática. Um mundo de ideias que pode alcançar suspeitas nas cinzas da biblioteca.

Motivados pelo pensamento de Morin (2006) em sua leitura da complexidade, aquilo que é tecido junto, teoria que concebe o ser humano como sistema complexo organizado de ordem biológica e produtor de cultura, constituído em uma rede de conexões, que em sua análise vislumbra a incerteza caracterizada pelo panorama discursivo e teórico utilizado por um princípio dialógico que consiga juntar o que parece separado e desconectado, ou seja, aproximar os conhecimentos. Um princípio ou rota recursiva não linear (BEZERRA, 2022) que produz causa-efeito simultâneo que os sistemas auto-organizativos reagem em transformação. Um olhar hologramático para observar o todo e as partes em sua totalidade, possibilitando compreender a convergência beneficiada. O estudo dos sistemas, a cibernética e a teoria da informação da epistemologia de Morin, implica as bifurcações e variantes do conhecimento teórico da complexidade, tecendo possibilidades como paradigma da atualidade para enfrentar o emaranhamento em um campo de incerteza diante de uma organização para previsibilidade e modificações das estruturas que solicita novas formas de pensamento.

Assim, pretende-se articular as narrativas em construção, interpretação da leitura e do leitor em acordo com o acesso da literatura na era digital, contextualizar narrativas que colaboram na compreensão complexa e os meios de mediação relacionados aos processos de leitura. O artigo se organiza em três fractais para análise que conectam em metáforas, um primeiro momento para situar os princípios do pensamento complexo articulando a conjuntura vivenciada, um segundo momento onde a obra literária serve de atrator semântico organizando passagens entre livros e no terceiro momento contextualizar as estratégias de promoção do livro, da leitura, da escrita, da literatura e das bibliotecas de acesso público no Brasil.

Assumindo a cultura planetária em que o saber local serve de atrator da identidade terrena, a autopoiesis, um organismo de troca em auto e mútuo de aprendizagem, percebendo os saberes pertinentes e as possíveis respostas em um sistema de vínculos específicos no emaranhado de ligações. O romance “O nome da rosa” e sua magnitude como obra literária servindo do seu alçapão de conexões nesse labirinto de livros. Deslocando caminhos para esse pequeno mergulho em mares tão profundo no texto literário e sua capacidade semântica.

2. PERCEPÇÕES DE OPERADORES DA COMPLEXIDADE

O pressuposto dos operadores da complexidade contribui para reformar os pensamentos de ponto fixo, circulantes ou frenéticos em conhecimentos pertinentes não lineares com múltiplas trajetórias, a ordem no caos, considerando a implicação para a compreensão na era digital nos vários níveis de entendimento da condição humana conectando possíveis saberes.

A longa tradição dos ensaios – própria de nossa cultura, desde Erasmo, Maquiavel, Montaigne, La Bruyère, La Roche foucauld, Diderot e até Camus e Bataille – constitui uma farta contribuição reflexiva sobre a condição humana. Mas também o romance e o cinema oferecem-nos o que é invisível nas ciências humanas; estas ocultam ou dissolvem os caracteres existenciais, subjetivos, afetivos do ser humano, que vive suas paixões, seus amores, seus ódios, seus envoltivos, seus delírios, suas felicidades, suas infelicidades, com boa e má sorte, enganos, traições, imprevistos, destino, fatalidade [...] (MORIN, 2003, p. 43-44).

Os seres humanos trazem dentro de si o mundo físico, químico, vivo, e ao mesmo tempo separam-se pelo seus pensamentos, pelas suas consciências e pelas suas culturais. Assim, “ser culto não é ter lido este ou aquele livro, é saber se orientar no conjunto dos livros, portanto saber que eles formam conjunto e estar em condições de situar cada elemento em relação aos demais” (BAYARD, 2007, p. 31). Pretende-se, assim, interagir em múltiplos níveis situados na busca para a gnose e na conectividade, a partir da obra literária, constituindo um pressuposto de uma observação sistêmica reordenando as partes para observar aquele que observa e o que é observado na linguagem literária. Os elementos discursivos em perspectiva não linear como uma dimensão que permita uma retroalimentação de elementos de transição observados. A respeito disso, a complexidade trama o tecido da vida e das ações em espaços fenomênicos.

[...] a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza... Por isso o conhecimento necessita ordenar os fenômenos rechaçando a desordem, afastar o incerto, isto é, selecionar os elementos da ordem e da certeza, precisar, clarificar, distinguir, hierarquizar [...] (MORIN, 2006, p.13).

A presença na recepção da obra literária permeia toda a experiência da leitura, estando anterior ao processo, essa bagagem cultural ou vivência adquirida permite conectar com saberes pertinentes ao leitor, o trato de descoberta torna o incentivo para amplificar o desejo do ler, a constituição dessa relação perpassa pela afetividade crítica e pela própria organização afetiva individualizada. “Para muitas teorias da literatura, a voz do autor-modelo deveria ser ouvida unicamente através da organização dos fatos (história e enredo); tais teorias reduzem a um mínimo a presença de um discurso [...] como se o leitor não percebesse seus indícios” (ECO, 1994, p. 41). Esse discurso percebido como hipóteses pelo leitor em forma de presença holística

dos fatos, o pressuposto contribui para uma situação auto-organizativa e colaborativa com o enredo, provocando diálogos circulares com autor, leitor e obra na fruição.

- Existe, assim, uma ligação de circularidades entre esses imperativos interdependentes:
1. Reproblematização dos princípios do conhecimento e problematização daquilo que aparentava ser a solução;
 2. Reforma do pensamento por um pensamento complexo capaz de ligar, contextualizar e globalizar;
 3. Transdisciplinaridade (MORIN, 2007, p. 22).

São as conexões artísticas que o autor constrói a recepção de seu leitor, introduzindo pistas de correlação inexatas que podem transformar a percepção espaço-tempo em outras maneiras de entender a obra, a identificação transporta aquele, para um universo feérico, interagindo com situações concretas da história, essa possibilidade constitui como co-criador do passado ocupando o aqui e agora.

Esse exercício atribui àquela experiência concreta até então não vivenciada, gerando novos espaços emocionais e constituindo saberes e estímulo de recrutar o aprendido para vida prática. “Quando entramos no bosque da ficção, temos de assinar um acordo ficcional com o autor e estar dispostos a aceitar, por exemplo, que lobo fala. [...]” (ECO, 1994, p.79). Essas relações de temporalidade e de afetividade que bifurca constituindo um acordo de intimidade, de entendimento da obra, interferindo no processo de assimilação da ideia desenvolvida, essas são as ligações e cognição de estar no mundo e aprender mediado pelo mundo (FREIRE, 2019). “A linguagem das gemas é multiforme, cada uma exprime mais verdade, segundo o contexto em que aparecem. E quem decide qual é o nível de interpretação e qual o justo contexto?” (ECO, 2018, p. 365). Perceber os aspectos da própria pesquisa como leitor, a comunicação estabelecida nos vários suportes digitais proporciona um aprofundamento dos paradoxos da manifestação leitora e contribui para estabelecer elementos que colaboram para constituir um método investigativo através de hipertextos estabelecendo links possíveis para a pesquisa.

Mas os textos nem sempre são tão maldosos e, em geral, tendem a conceder ao leitor o prazer de fazer uma previsão que se revelará correta. No entanto, não devemos cometer o erro de pensar que os sinais de suspense são característicos unicamente dos folhetins baratos ou dos filmes comerciais. O processo de fazer previsões constitui um aspecto emocional necessário da leitura que coloca em jogo esperanças e medos, bem como a tensão resultante de nossa identificação com o destino das personagens (ECO, 1995, p. 41).

A comunicação como marco diferencial humano, o encadeamento histórico social situado no texto reporta ao conjunto de sentimentos que está permeando a leitura, os acontecimentos e as narrativas mobilizando sinapses de lembranças acessadas no momento da leitura, sendo possível o seu registro em simplificações fractais. A simples ação fractal compreende a integralidade do texto e cada fragmento é movimentado no estudo como fio de

Ariadna, que remete outra vez a obra literária apreciada. Essa atitude e relações de transformação social que se dinamiza no ato de comunicar introduzindo humanidade na leitura, o exercício cotidiano para significar o conhecimento nessa perspectiva leitora na superação e no reconhecimento da própria leitura, a construção de tempo-espço para organização do pensamento em sua representatividade, os anseios de desconfiguração para vibrar os entendimentos complexos.

É assim então... Fabriquei um esquema falso para interpretar as manobras do culpado, e o culpado adequou-se a ele. E foi precisamente este esquema falso que me pôs na tua pista. Nos nossos dias, todos estão obcecados pelo livro de João, mas tu parecias-me aquele que mais meditava nele, e não tanto por causa das tuas especulações sobre o Anticristo mas porque vinhas do país que produziu os Apocalipses mais esplêndidos. Um dia alguém me disse que os códices mais belos deste livro, na biblioteca, tinham sido trazidos por ti. (ECO, 2018, p. 381-382).

Para desvendar os sinais do labirinto, o erro passa ser aliado a recorrência dos padrões observados, onde sua trajetória apresenta mudanças estruturais. Essa nuance que uma vez articulada pode significar em outro ponto de vista atraindo sentidos diversos. “Eu fabriquei um esquema falso para interpretar a estratégia do culpado e o culpado conformou-se a ele. E foi precisamente esse esquema falso que me colocou no seu rastro” (BAYARD, 2007, p. 64). A identificação desses atratores pode organizar formas sistêmicas de leitura, acessíveis aos diversos tipos de leitores e da condição de mensurar as forças que as narrativas designam no processo do equilíbrio dinâmico na fruição.

3. CONEXÕES DIALÓGICAS: LABIRINTO DE MEDIAÇÕES

Ao trazer o primeiro romance de Eco (1985), “O Nome da Rosa” pretende-se ter o acesso ao conhecimento que move nos labirintos literários, a fé cega e obediente que monopolizava através de dogmas e verdades absolutas, limitando o acesso ao conhecimento e ao questionamento. As simbologias e eventos extraordinários relacionados ao romance, como um, decifrar os manuscritos em códigos, espelhando a postura do frei Guilherme de Baskerville o detetive que remete a razão, firme que a ciência humana é uma extensão que pleiteia a independência para pesquisa, a estrutura da biblioteca como um labirinto é a analogia que se almeja articular nesse estudo identificando saberes ocultos no processo da constituição dos sentidos, a investigação narrada no livro constitui assim base do romance.

‘O que vos aterroriza mais na pureza?’ pergunta Adso. E Guilherme responde: ‘A pressa’. Eu gostava muito, e ainda gosto, destas duas linhas. Mas depois um leitor observou que, na página seguinte, Bernardo Gui, ameaçando o despenseiro de tortura, diz: ‘A justiça não é movida pela pressa, como acreditavam os pseudo apóstolos, e a de Deus tem séculos à sua disposição’. [...] Se relerem a fala de Bernardo sem a de Guilherme, ela nada mais é que uma maneira de falar, é aquilo que esperaríamos ouvir da parte de um juiz, uma frase feita como ‘A justiça é igual para todos’. Infelizmente,

contraposta à pressa citada por Guilherme, a pressa citada por Bernardo faz justamente nascer um efeito de sentido, e o leitor tem razão em perguntar se ambos estão dizendo a mesma coisa, ou se o ódio à pressa, manifestado por Guilherme, não seria sutilmente diverso do ódio à pressa manifestado por Bernardo. O texto está aí, e produz seus próprios efeitos. Quisesse eu ou não, estamos agora diante de uma pergunta, uma provocação ambígua, e eu próprio me vejo embaraçado para interpretar a oposição, embora compreenda que aí se aninha um sentido (talvez muitos) (ECO, 1985 p. 6).

No simbolismo literário proposto transfigura em um escopo para o entendimento das relações autor, leitor e o acesso à leitura, com base na filosofia medieval de Guilherme de Occam. Assim, as entidades não devem ser multiplicadas além da necessidade – referência utilizada por Eco para dinamização da construção do personagem – “[...] Daí novas leituras, e a descoberta de que Um franciscano do século XIV, mesmo inglês, não podia ignorar a disputa sobre a pobreza, especialmente se era amigo ou seguidor ou conhecedor de Occam” (ECO, 1985, p. 12). O potencial investigativo do mestre é apresentado pelo personagem Adso em seu prólogo identificando assim a liberdade epistemológica para a pesquisa.

E eu digo-te que Deus quer que existam, e decerto estão já na sua mente, embora o meu amigo de Occam negue que as ideias existam desse modo, e não porque possamos decidir da natureza divina, mas precisamente porque não podemos pôr-lhe limite algum. Não foi esta a única proposição contraditória que lhe ouvi enunciar: mas mesmo agora, que sou velho e mais sábio do que então, não consegui compreender como podia ele ter tanta confiança no seu amigo de Occam e jurar ao mesmo tempo pelas palavras de Bacon, como era costume fazer (ECO, 2018, p. 12).

As estratégias de Eco para alcançar o leitor vai além do discurso filosófico, teológico, alcançando sua relação histórica literária que representada pela intriga do “romance policial” configura como processo de decodificação do estado puro da dúvida e o sentido da busca do conhecimento e a utilização de métodos de compreensão do saber, a cada sentido identificado e compartilhado que migram suas variáveis do popular e cultural, as relações desconexas dos fatos caracterizados de uma linha investigativa do crime na abadia em sua dinâmica cotidiana dos rituais da passagem do tempo no monastério. A sensação da ótica narrativa de Adso, um idoso que revisita sua experiência como aprendiz, o autor vai empurrando os leitores sem dar as respostas, jogando questionamentos para as interpretações, do sentimento juvenil repleto da curiosidade intrínseca da aprendizagem, o pensamento livre que não permite ser disciplinado.

A ideia investigativa serve aqui como um estímulo para compreensão primordial da filosofia que é busca da verdade. “Moral: existem ideias obsessivas, nunca pessoais, os livros se falam entre si, e uma verdadeira investigação policial deve provar que os culpados somos nós” (ECO, 1985, p. 32). O que configura são as possibilidades do pensamento pós-moderno de conectar múltiplas compreensões cosmológicas, o veneno literário capaz de matar o desavisado leitor, estabelecendo as implicações do processo na atualidade, possibilitando

entender as origens que dificultam uma análise profunda da obra para compreender as intenções do autor.

O Pós-escrito do livro “O nome da Rosa” é uma convite para entender o processo do autor e não apenas da construção, mas conhecer sua postura como artista, “[...] induzir alguns leitores sem sorte, à cata de histórias de ação, a lançar-se sobre um livro que os teria enganado [...]” (ECO, 1985, p.9) ao relatar sutilezas do processo dilui o romantismo constituído na profissão de escritor ironicamente, ele distrai o leitor como distrai seus personagens cheios da certeza, a ficção é própria colisão dos aspectos de mudanças e transformações.

No final do segundo milênio, o mundo científico considerava que as ciências repousavam sobre três pilares de certeza: o primeiro pilar era a ordem, regularidade, a constância e, sobretudo, o determinismo absoluto. Laplace imaginava que um demônio, dotado de sentido e de um espírito superiores, podia conhecer qualquer acontecimento do passado e do futuro; o segundo pilar era a separabilidade. Considere-se, por exemplo, um objeto e um corpo. Para conhecê-lo, basta isolá-lo conceitual ou experimentalmente, extraindo-o de seu meio de origem para examiná-lo num meio artificial; o terceiro pilar era o valor de prova absoluta fornecida pela indução e pela dedução, e pelos três princípios aristotélicos que estabelecem a unicidade da identidade e a recusa da contradição (MORIN, 2007, p. 61).

A realidade composta no desdobramento do entendimento no mundo, pressupõe reordenação dos singulares em conexão com todo e o todo com as partes, é esse princípio hologramático que nos interessa na pesquisa disputando entre as interligações pertinentes nas mudanças em suas dinâmicas, diante dessa experiência fractal os valores atribuídos as sutilezas na identificação do todo. A obra supracitada de Eco investiga questões profundas na relação do acesso ao conhecimento e a questão da escolha do julgamento daquilo que deve ser estudado ou ensinado para os poucos letrados da época, o diálogo estabelecido com o autor confirma essa autonomia do leitor construindo lacunas a ser preenchidas com novas referências, tecendo juntos e ressignificando o texto.

O ponto de partida pode ser arquitetônico, através da descrição do prédio da abadia, pode ser psicológico, em uma análise dos personagens, literário através das teorias disponíveis, contudo esse início, esse fragmento, é composto por toda a estrutura semântica desenvolvida a priori. O tempo da informação colabora com entendimento presente e considerando a experiência literária que nesse universo ficcional de seu trabalho elabora pistas, *links* em conjuntos de entendimento em vários níveis de complexidades.

Os conhecimentos multiplicam-se exponencialmente de tal forma que ultrapassam a capacidade de nos apropriarmos deles; lançam, sobretudo, um desafio para a complexidade: como confrontar, selecionar, organizar os conhecimentos de forma adequada, ao mesmo tempo religando-os e integrando as incertezas. Para mim, isso revela mais uma vez a insuficiência do modo de conhecimento que nos foi inculcado, que nos faz separar o que é inseparável e reduzir a um único elemento aquilo que é ao

mesmo tempo uno e diverso. De fato, a importante revelação dos impactos que sofreremos é que tudo aquilo que parecia separado está conectado, porque uma catástrofe sanitária envolve integralmente a totalidade de tudo o que é humano. É trágico que o pensamento disjuntor e redutor reine soberano em nossa civilização e detenha o comando tanto na política e na economia. Essa desastrosa insuficiência nos conduziu a erros de diagnóstico, de prevenção, assim como a decisões aberrantes. (MORIN, 2021, p. 6).

A percepção da realidade da incerteza preconizada vincula a perspectiva do artista, que sabe o que “[...] está fazendo e o quanto isso lhe custa. Sabe que deve resolver um problema. Pode acontecer que os dados iniciais sejam obscuros, pulsionais, obsessivos, não mais que uma vontade ou uma lembrança” (ECO, 1985, p. 7). Desvendando, assim, análises para atualidade, uma percepção da obra literária com aproximação da relação tempo e espaço. Ao buscar as interpretações de ordem cosmológica torna possível relacionar com outras obras. Constituindo, assim, um cronotopo investigativo de fatos relevantes às mudanças e transformações para os problemas gnosiológico, observando a conspiração do mosteiro que aglutina percepção da realidade aberta ao receptor, apontando para o acontecimento impregnado da relação de sistemas de valores.

Mas há outro elemento pós-moderno importantíssimo em *O Nome da Rosa*. É a progressiva desordem reinante no mosteiro (lugar fechado, metáfora dos sistemas isolados, que só podem receber energia de fora), até culminar na sua destruição. Isto espelha a situação atual: decadência de valores, ausência de sentido para a vida e a História, ameaça de destruição atômica. Mas reflete também uma ideia que está no coração da pós-modernidade: a entropia. Entropia significa a perda crescente de energia pelo Universo (um sistema isolado, pois além dele só há o nada e ele não tem, assim, como receber energia de fora), até sua desagregação no caos, na máxima desordem. Essa ideia migrou da física e foi pousar na sociologia. Nas sociedades atuais, tudo parece rolar para a confusão, sem valores sólidos, sem ordem que segure a barra (SANTOS, 2004. p. 61-62).

Os impactos enunciados servem de instrumentais da leitura que pode ser observada no cotidiano da era digital. Ao mergulhar no universo de Eco busca-se balizar a complexidade da obra com os meios complexos de acesso e interpretação literária na era digital. A concorrência semântica aplicada pelo observador torna possível várias interpretações fractais, esta possibilidade constitui em outros sentidos, de sistemas complexo de compreensão das partes conectados e identificados com o todo. Essa dilatação é a própria experiência do agora incorporada de sistemas de operação e de cognição, a escala definida pela similaridade existente no conjunto da obra, gênero, nacionalidade, época, lugar e assim por diante. O detalhamento complexo do fractal selecionado desdobra em outros esquemas complexo possibilitando observar estímulos atratores nessa trajetória não linear, a totalidade da obra em entropia permite novas interpretações que retroalimentando na relação leitora. Ao ressignificar a história promove uma busca e um intervalo dos acontecimentos cotidianos para reflexão do agora, casualidades, paranoias e a realidade da conspiração teológica.

No espaço que emana da inteligência coletiva encontro, assim, o outro humano, já não como um corpo de carne, uma posição social, um proprietário de objetos, mas como um anjo, uma inteligência em ação – em ação para ele, mas em potência para mim. Se ele nunca aceitar revelar a sua face de luz, quando eu descobrir o corpo angélico do outro contemplarei a sua vida no conhecimento ou no seu conhecimento da vida, na projeção do seu mundo subjetivo no céu imanente do intelecto coletivo. Ora eu não sei o que ele sabe, os nossos futuros diferem, ele tem neste espaço uma figura de desejo singular, incomparável: o seu corpo angélico revela-mo como enigma e alteridade (LÉVY, 2000, p. 134-135).

Essa abordagem concebe reinterpretar o contexto da obra de Eco, buscando uma dimensão organizativa de pensamentos. “Os textos e as imagens vão existindo à medida que o leitor ou o espectador os usam ou reinterpretam. Todo texto prevê seu leitor e não pode abrir mão dele [...] não esperando que tenha tanto prazer com a história contada como com o modo pelo qual é contada” (CANCLINI 2008, p. 51). O intertexto atualiza o desavisado leitor como um convite a revelar o enigma atemporal, às pistas de reflexão, o suporte tecnológico que utilizado pelo leitor para um olhar dinâmico que compreende várias faces do tempo e estabelece possibilidades no espaço para constituir o entendimento em sua temporalidade.

Mas não podia ter a certeza de quanto tinha reconstruído enquanto não soube que o livro era em papel de pano. Então recordei-me de Silos e tive a certeza. Naturalmente, à medida que tomava forma a ideia deste livro e do seu poder venenoso malograva-se a ideia do esquema apocalíptico, e no entanto não conseguia compreender como o livro e a sequência das trombetas levassem ambos a ti, e compreendi melhor a história do livro precisamente na medida em que, orientado pela sequência apocalíptica, era obrigado a pensar em ti e nas tuas discussões sobre o riso (ECO, 2018, p. 382).

A literatura diante da ampliação de meios de acesso caracteriza como uma grande mudança no processo de mediação, um novo perfil de leitor apresenta na dinâmica tecnológica imputando uma necessidade de analisar as implicações dessa relação. As tecnologias intelectuais encontra-se no exterior dos sujeitos cognitivos, como por exemplo, este computador “[...] Mas elas também estão entre os sujeitos como códigos compartilhados, textos que circulam programas que copiamos imagens que imprimimos e transmitimos por via hertziana” (LÉVY, 1993, p. 173). Esse novo leitor afirma sua independência da obra, dinamizando os signos decodificados, no ambiente com uma vasta possibilidade de referências, a interpretação dialógica estabelecida, é o que implica uma compressão do tempo-espaço possibilitado pelo passeio virtual.

A educação e a formação de leitores e espectadores críticos costumam frustrar-se pela persistência das desigualdades socioeconômicas, e também porque as políticas culturais se desdobram num cenário pré-digital. Insistem em formar leitores de livros, e, à parte, espectadores de artes visuais (quase nunca de televisão), enquanto a indústria está unindo as linguagens e combinando os espaços: ela produz livros e também áudio-livros, filmes para o cinema e para o sofá e o celular (CANCLINI, 2008, p. 33).

A configuração exige um pensamento de sua complexidade, às conexões podem infinitamente transgredir a pesquisa em busca novas interpretações. “As redes virtuais alteram os modos de ver e ler, as formas de reunir-se, falar e escrever, de amar e saber-se amado à distância, ou talvez, imaginá-lo” (CANCLINI, 2008, p. 54). Ao qualificar a experiência literária é necessário mensurar as variantes hierarquicamente colaborativas na construção de sentidos, disponibilizando em termos de conexão seus valores fracos ou fortes. “[...] Baskerville está em condição de reconstituir da mesma maneira a partir de outros livros de Aristóteles. O modo de progressão de um livro não é inteiramente específico a ele” (BAYARD, 2007, p. 61). O esquema de fruição identificado com esse novo leitor, intensifica com as tecnologias digitais de informação e comunicação em processo de criação se desloca construindo outras narrativas colaborativas e antagônicas.

O caráter multimodal da comunicação sem fio modifica as formas, antes separadas, de consumo e interação, ao combiná-las num mesmo aparelho: o celular permite marcar compromissos presenciais, substituí-los, mandar emails ou mensagens instantâneas, lê-los ou ouvi-los, conectar-se com informação e diversão em textos e imagens, arquivar ou eliminar a história dos encontros pessoais (CANCLINI, 2008, p. 52).

O movimento de ondas de informação do texto e a investigação leitora constituído em redes virtuais se manifesta no processo cognitivo, exige um conjunto de propostas pedagógicas que dinamize o acesso leitor com as leituras que contribua na organização semântica da obra e que possibilite ressignificar aspectos sutis do texto. “Essas mudanças no conceito de uma escola que admita a interação da leitura com a cultura oral e a audiovisual-eletrônica” (CANCLINI, 2008, p. 33). Sendo assim, em termos de complexidade a curadoria do texto requer produção de outros textos, pós-escrito ou *link* referentes como operadores do conhecimento, alicerçando a pesquisa leitora e subsidiando conexões improváveis com texto em que a autonomia crítica precisa ser apreendida.

As telas de nosso século também trazem textos e não podemos pensar sua hegemonia como o triunfo das imagens sobre a leitura. É certo, porém, que mudou a maneira de ler. Os editores ficam mais reticentes frente aos livros eruditos de tamanho grande; as ciências sociais e os ensaios cedem suas estantes, nas livrarias, a best Sellers de ficção ou de auto-ajuda, a discos e vídeos. Nas universidades massificadas, os professores com trinta anos de experiência comprovam que cada vez se lê menos livros e mais xerox de capítulos isolados, textos curtos obtidos na internet, que comprimem a informação (CANCLINI, 2008, p. 58).

Esse labirinto deve seguir pistas em seu tratamento intensificando na *web* diversificando e complexando o sentido da pergunta, essas etapas para apresentação do processo discursivo organizada em conjunto leitor, mediador e o texto escolhido. Essa dependência das condições iniciais articula na decodificação das redes, que está atrás das linhas escritas, à previsibilidade leitora está intimamente ligada com a formação dos leitores digitais. “[...] A abordagem

objetiva, ou formal, da literatura se interessa pela obra; a abordagem expressiva, pelo artista; a abordagem mimética, pelo mundo; e a abordagem pragmática, enfim, pelo público, pela audiência, pelos leitores [...]” (COMPAGNON, 1999, p. 139). Esse paradigma se estabelece na transição das tecnologias da informação e comunicação e a formação leitora. Assim, as disciplinas não bastam interagir, necessita aventurar pelas variáveis dispostas no livro eleito, uma flexibilidade para a leitura na construção de meta-enredo que interferem configurando projetos de aprendizagem. “Para estudar literatura, é indispensável tomar partido, decidir-se por um caminho, [...] por que os métodos não se somam [...]. A dobra crítica, o conhecimento das hipóteses problemática que regem nossos procedimentos são, portanto, vitais” (COMPAGNON, 1999, p. 261). A formação do leitor permite acesso a informações capaz de suportar pela memória as emoções experimentadas da cognição como interpretação das informações e a reinterpretação para recursos discursivos.

Quando lemos, nossa expectativa é função do que nós já lemos – não somente no texto que lemos, mas em outros textos -, e os acontecimentos imprevistos que encontramos no decorrer de nossa leitura obrigam-nos a reformular nossas expectativas e a reinterpretar o que já lemos, tudo o que já lemos, tudo que já lemos até aqui neste texto e em outros. A leitura procede, pois, em duas direções ao mesmo tempo, pra frente e para trás, sendo que um critério de coerência existe no princípio da pesquisa do sentido e das revisões contínuas pelas quais a leitura garante uma significação totalizante à nossa experiência (COMPAGNON, 1999, p. 148-149).

O texto configurado de diversos suportes congestionava expressões que sintetiza por linguagens diversas através dos fragmentos. A leitura uma vez realizada procura reformular fractais de saberes. A estrutura e elaboração da pesquisa subvertendo as escolhas em perturbações que devem ser estimuladas em um sistema não linear aninhando conjuntos de problemas genéricos, nessa multiplicidade considerando um click em rede congestionam outro tanto de questões.

A cada um dos muros de cada hexágono correspondem cinco estantes; cada estante encerra trinta e dois livros de formato uniforme; cada livro é de quatrocentas e dez páginas; cada página, de quarenta linhas; cada linha, de umas oitenta letras de cor preta. Também há letras no dorso de cada livro; essas letras não indicam ou prefiguram o que dirão as páginas. Sei que essa inconexão, certa vez, pareceu misteriosa. Antes de resumir a solução (cuja descoberta, apesar de suas trágicas projeções, é talvez o fato capital da história); quero rememorar alguns axiomas (BORGES, 1999, p. 38).

Distraíndo, assim, os críticos e leitores, para tanto o relato de Eco em discurso para uma conferência na Universidade Columbia, que inicia apresentando sua experiência como estudante.

Em 1942, com a idade de dez anos, ganhei o prêmio nos LudiJuveniles (um concurso com livre participação obrigatória para jovens fascistas italianos — o que vale dizer, para todos os jovens italianos). Tinha trabalhado com virtuosismo retórico sobre o

tema: “Devemos morrer pela glória de Mussolini e pelo destino imortal da Itália?” Minha resposta foi afirmativa. Eu era um garoto esperto. Depois, em 1943, descobri o significado da palavra “liberdade”. Contarei esta história no fim do meu discurso. Naquele momento, “liberdade” ainda não significava “liberação” (ECO, 2002, p. 1).

Esse discurso proferido em abril de 1995 para uma celebração da liberação da Europa, o autor ao reinterpretar elementos históricos abrindo para uma análise de suas intencionalidades, em sua fala evidencia a recorrência histórica de sua experiência como escritor, o espectro do fascismo que anda à espreita aparece no discurso anos depois, contudo reinterpretar através da reflexão literária depende das relações, receptor e o autor de entendimento das insurgências sociais, ou seja, reconhecimento das alternativas.

No sistema fractal as observações do texto requerido se distribuir na dimensão conjuntural dos elementos contido na pesquisa, ultrapassa brechas dos labirintos e atribui uma nova dinâmica metafórica, onde certas passagens possam ser marcadas pelo leitor em leitura. Nessa trajetória caótica que conecta-se na biblioteca por meio dos livros como um fio condutor cheio de apertos e amarrações que se manifestam em redes de passagens entre livros. Assim, “basta-me, por ora, repetir o preceito clássico: A Biblioteca é uma esfera cujo centro cabal é qualquer hexágono, cuja circunferência é inacessível” (BORGES, 1999, p. 38). A cegueira de Jorge serve de estímulo e compreensão da amplitude do labirinto, o riso irônico de Burgos antecipa o pagamento de uma dívida do livro não lido que escapa sob o disfarce do veneno e a biblioteca se dilui em chamas.

4. LIBERDADE DEMOCRÁTICA ESCOPO PARA LIBERDADE LEITORA

A leitura de mundo e o ato de ler (FREIRE, 1989), formar uma população de leitores é contribuir com formação e compreensão da dignidade humana, o direito à informação para o exercício da cidadania e seu benefício histórico incontestável. O “[...] ser humano é ser dotado de consciência reflexiva: Na medida em que sabemos como sabemos, criamos a nós mesmos” (CAPRA, 2001, p. 213). O cenário que se apresenta no Brasil destoa com todo paradigma até aqui observado, um obscurantismo de pensamentos ultra tradicionalista tem operado uma verdadeira campanha de guerra contra o pensamento científico, a cultura e o livro, que atinge todas as linguagens artísticas. Mas uma vez a biblioteca está inacessível.

Por outro lado, nem todas as perturbações vindas do meio ambiente causam mudanças estruturais. Os organismos vivos respondem a apenas uma pequena fração dos estímulos que se imprimem sobre eles. Todos nós sabemos que podemos ver ou ouvir fenômenos somente no âmbito de uma certa faixa de frequências; em geral, no nosso ambiente, não percebemos coisas nem eventos que não nos dizem respeito, e também sabemos que aquilo que percebemos é, em grande medida, condicionado pelo nosso arcabouço conceitual e pelo nosso contexto cultural (CAPRA, 2001, p. 198).

Busca-se encontrar um aporte em que as questões ligadas a políticas públicas de leitura em seu contexto histórico de exclusão, fortalecer avanços que se constrói a partir do marco legal desta conquista e de lutas da sociedade na Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país que ainda necessita efetivar e estender.

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com bibliotecas, nos termos desta Lei.

Art. 2º Para os fins desta Lei, considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura.

Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.

Art. 3º Os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada à profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas Leis nºs 4.084, de 30 de junho de 1962, e 9.674, de 25 de junho de 1998.

Ainda não conseguiu efetivação como lei tendo visto que já se passaram os dez anos estipulado por ela, em marcos político existe uma grande resistência das instituições privadas de ensino que fazem lobby causando através de sua influência uma morosidade política a nível legislativo e executivo. Sua efetivação tem uma grande importância no sentido de mobilizar discussões a respeito de toda cadeia produtiva de valorização e mediação da leitura, do livro da própria biblioteca, e que está integrado ao Plano Nacional de Educação e também a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE) como estratégia de promoção do livro, da leitura, da escrita, da literatura e das bibliotecas de acesso público no Brasil por meio da Lei nº 13.696/2018 em 13 de julho de 2018.

A literatura perpassa por toda Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como documento oficial que oferece diretriz para o ensino, o que deve ser observada de forma crítica abrindo assim outro fractal de pesquisa, em que seria dimensionado todo o processo de discussão e a influência governamental durante a construção, seus antecedentes, em diferentes aspectos e nos vários seguimentos reconhecendo sua relevância no processo de ensino-aprendizagem. É fundamental que no processo da formação do leitor, a observação da evidência científica, a elaboração do planejamento e das metodologias devem considerar os aspectos socioculturais e as experiências singulares, construindo estratégias que servem como base para traçar políticas de leitura. O prazer de ler diversos gêneros de textos, usufruindo da

diversificação da linguagem subsidiando assim na leitura de mundo, a BNCC caracteriza entre habilidades de leitura necessárias.

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo (BNCC, 2017, p. 159).

A comunicação sempre esteve como marco diferencial humano na era digital e implica na análise da informação desde a produção e circulação de conteúdos publicitários, influenciadores de rede e as manipulações em redes sociais, essa poluição comunicacional interfere no jeito de estar no mundo, à mediação de texto visa revitalizar o ato de comunicar introduzindo humanidade, enaltecer aquilo que encontra escondido, fazer vibrar o entendimento da informação.

(EM13LP41) Analisar os processos humanos e automáticos de curadoria que operam nas redes sociais e outros domínios da internet, comparando os feeds de diferentes páginas de redes sociais e discutindo os efeitos desses modelos de curadoria, de forma a ampliar as possibilidades de trato com o diferente e minimizar o efeito bolha e a manipulação de terceiros (BNCC, 2017, p. 521).

As interações em rede como é apresentado em sua simultaneidade com um olhar no processo de ensinar comunicação ética nas redes virtuais, o que demanda de uma formação emergente do educador de ensinar a compreender auto responsabilidade em curtir, comentar e compartilhar, portanto uma compreensão dos fenômenos da cultura digital. Na sociedade o processo de experiência da comunicação socializada é o ponto fundamental na bifurcação dos processos de mudança, incorporando a necessidade de uma literacia e curadoria digital. A cultura digital que também está prevista na BNCC integra as diretrizes para sua abordagem.

[...] curadoria é um conceito oriundo do mundo das artes, que vem sendo cada vez mais utilizado para designar ações e processos próprios do universo das redes: conteúdos e informações abundantes, dispersos, difusos, complementares e/ou contraditórios e passíveis de múltiplas seleções e interpretações que precisam de reordenamentos que os tornem confiáveis, inteligíveis e/ou que os revistam de (novos) sentidos. Implica sempre escolhas, seleção de conteúdos/informação, validação, forma de organizá-los, hierarquizá-los, apresentá-los. Nessa perspectiva, curadoria pode dizer respeito ao processo envolvido na construção de produções feitas a partir de outras previamente existentes, que possibilitam a criação de (outros) efeitos estéticos e políticos e de novos e particulares sentidos. O termo também vem sendo bastante utilizado em relação ao tratamento da informação (curadoria da informação),

envolvendo processos mais apurados de seleção e filtragem de informações, que podem requerer procedimentos de checagem e validação, comparações, análises, (re)organização, categorização e reedição de informações, entre outras possibilidades (BNCC, 2017, p. 500).

A interferência não científica e a desconfiguração que se avança será um ônus caro a sociedade, a incompetência do enfrentamento da pandemia já se configura parte dessa perda de vidas, de ideias e do senso ético produzido ao longo de tantas batalhas pelos direitos humanos. A nova configuração do Ministério da Educação (MEC) do atual governo em que troca de cadeiras constantes visa à implantação de ideologias tradicionalistas causando inoperância nos diálogos vigentes, os movimentos antidemocráticos explícitos, trazendo enormes confusões nos processos de avaliação como: Exame Nacional do Ensino Médio - Enem 2021, a intervenção direta nas universidades públicas dando posse a reitores biônicos sem compromisso acadêmico e violando a autonomia universitária garantida pelo artigo 207 da Constituição da República Federativa do Brasil (1988).

A confiança desvaneceu-se. E a confiança é o que aglutina a sociedade, o mercado e as instituições. Sem confiança nada funciona. Sem confiança o contrato social se dissolve, e as pessoas desaparecem, ao se transformarem em indivíduos defensivos lutando pela sobrevivência (CASTELLS, 2013, p. 9).

Em sua análise da era da informação e das sociedades conectada em rede propõe um olhar de esperança diante a dicotomia estabelecida na comunicação de rede e seu dinamismo na transformação social.

Os seres humanos criam significado interagindo com seu ambiente natural e social, conectando suas redes neurais com as redes da natureza e com as redes sociais. A constituição de redes e operada pelo ato da comunicação. Comunicação e o processo de compartilhar significado pela troca de informações (CASTELLS, 2013, p. 14).

O acesso do leitor vem sendo impactado pelas políticas de leitura e dificultado ainda mais diante do cenário pandêmico. Para mudança preconizada aqui se faz necessário um leitor consciente, crítico que consiga observar o conjunto e a participação popular democrática regida por interesses equânimes na solução dos problemas apresentados. "Atualmente o mundo que vemos fora de nós e o mundo que vemos dentro de nós estão convergindo. Essa convergência dos dois mundos é, talvez, um dos eventos culturais importantes da nossa era" (CAPRA, 2001, p. 144). As consequências da Covid-19 na vida das pessoas ainda não podem ser mensuradas por continuarem descortinando o caos vigente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A base de estudo no pensamento complexo apresentado por Morin possibilita uma abrangência da observação literária entre os aspectos dos atratores constituída na informação,

ao especular sobre a manifestação integrada em possíveis interpretações, articulando outro tanto de estratégias para leitura, em uma abordagem pragmática que busca compreender um processo que retroalimenta e não se esgota nos modelos de assimilação.

Essa aprendizagem demanda de um variado esquema de suporte em rede que implica textos, imagens, filmes, *podcast*, entrevistas entre outros. Para tanto é urgente a unidade dos atores sociais envolvidos na política na implantação de bibliotecas modernas e atrativas com livros que interessem ao leitor e atividades periódicas que privilegiem a leitura e possam ser um aporte de valorização simbólica do livro, um escopo para fruição da literatura e da leitura, com equipamentos antenados com os processos de computação e as tecnologias digitais de informação e comunicação, e também a valorização da profissão de bibliotecários desenvolvendo concursos públicos prevendo melhores salários o que seria uma política de reparação dos profissionais da área.

O leitor, nessa perspectiva, tem a liberdade de reunir fractais a partir de um texto escolhido organizando sua leitura e simultaneamente construindo sua própria obra autoral através das conexões dos fragmentos, esse leitor enriquecido na presença da leitura que encontra os paralelos no texto, nesse labirinto de livros que sugestiona uma perca do tempo-espaço aceitável no acordo estabelecido pela fruição, objetivado por outras leituras atualizando com signos externos encontrados cada vez mais acessíveis na internet.

Esse dispositivo conectivo possibilita uma transdisciplinaridade pelas múltiplas ligações dentro de cada fractal. A formação leitora na era digital implica em possibilitar decodificações do labirinto virtual e deve ser trabalhado desde os primeiros anos escolar. A dobra crítica estimulada por Compagnon pode ser organizada em termos de sua complexidade literária de forma sistêmica na confluência de métodos para análise. O fio de Ariadne aqui representado por sua virtualidade indica caminhos, atalhos e teletransportes ao leitor em precisões infinitas.

REFERÊNCIAS

BAYARD, P. **Como Falar dos Livros que não lemos?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BEZERRA, L. M. **Arqueologia antropofágica em rotas não lineares: narrativas educacionais relevadas no sertão maranhense.** 327 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Sorocaba, Sorocaba-SP, 2022. Disponível em: <https://uniso.br/mestrado-doutorado/educacao/teses/2022/leonardo-mendes-bezerra.pdf>. Acesso em: Jun. 2022.

BORGES, J. L. **Obras completas**. Globo. São Paulo, 1999.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: Jan. 2022.

BRASIL. Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010. **Constituição Federal**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm. Acesso em: Jan. 2022.

BRASIL. **Constituição Federal** Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita Lei nº 13.696/2018 em 13 de julho de 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13696.htm. Acesso em: Jan. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

CANCLINI, N. G. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da Teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Humanitas, 1999.

ECO, U. **O nome da rosa**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

ECO, U. **O Fascismo Eterno**. Editora Record, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/samuel/43281/umberto+eco+14+liceos+para+identificar+o+neofascismo+e+o+fascismo+eterno.shtml>. Acesso em: Jun. 2021.

ECO, U. **Pós-escrito ao nome da rosa**. Milan: Editora Nova Fronteira S.A., 1985.

ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FRITJOF, C. **A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix. 2001.

LÉVY, P. **A Inteligência Coletiva: para uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MORIN, E. Um festival de incertezas. **Espiral**, Rio de Janeiro, v.4, p.5-12, 2020. Disponível em: <https://docplayer.com.br/214910406-Um-festival-de-incertezas-1.html>. Acesso em: Jun. 2021.



MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MORIN, E. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, J. F. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2004.